

DESEMPENHO PRODUTIVO DE STATICE CULTIVADA EM VASO NA ENTRESSAFRA

ALVES, A. N.¹, SANTOS, A. M. C. dos.², NEITZKE, R. S³, PAULA, V. A. de⁴.

¹ Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) – Bagé – RS – Brasil –

arianealves.bg011@academico.ifsul.edu.br

² Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) – Bagé – RS – Brasil –

anasantos.bg023@academico.ifsul.edu.br

³ Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) – Bagé – RS – Brasil – raquelineitzke@ifsul.edu.br

⁴ Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) – Bagé – RS – Brasil – vivianepaula@ifsul.edu.br

RESUMO

A floricultura brasileira tem se consolidado como uma atividade promissora, especialmente para pequenos produtores, destacando-se pela geração de renda e empregos. Nesse contexto, a statice (*Limonium sinuatum* Mill) apresenta potencial ornamental devido à durabilidade de suas flores, sendo amplamente utilizada em arranjos florais. Trata-se de uma espécie de dia longo, cujo florescimento é influenciado por temperatura e fotoperíodo, podendo ser induzido por vernalização artificial. O presente estudo teve como objetivo avaliar a produtividade de statice, na entressafra, cultivada em dois tamanhos de vasos e mantida na casa de vegetação. O experimento foi conduzido no IFSul – Campus Bagé, entre outubro de 2024 e maio de 2025, em delineamento completamente casualizado, com dois tratamentos: vasos de 1 litro e de 2 litros, com 17 repetições cada. As mudas foram submetidas à vernalização artificial a 10 °C por três semanas para indução do florescimento. Os resultados indicaram que nem todas as plantas floresceram, possivelmente devido à insuficiência da vernalização ou a fatores abióticos. Não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os tratamentos para número e comprimento de hastes florais, nem para número de folhas. Apenas o diâmetro das plantas foi superior no tratamento com vasos de 2 litros. Conclui-se que ambos os volumes de vaso são viáveis para o cultivo de statice na entressafra. No entanto, recomenda-se o uso de vasos de 1 litro, considerando a economia de insumos, melhor aproveitamento do espaço e maior facilidade de manejo e transporte.

Palavras-chave: floricultura, vernalização, *Limonium sinuatum* Mill.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos a floricultura brasileira tem ganhado cada vez mais destaque no mercado interno, caracterizando-se como uma atividade promissora e rentável, principalmente para os pequenos produtores. Trata-se de uma atividade que exige mão de obra qualificada e o uso de tecnologias para garantir a qualidade na colheita, pós-colheita e comercialização, sendo uma boa alternativa para geração de renda e empregos (JUNQUEIRA; PEETZ, 2008). Nesse contexto, a atividade está diretamente relacionada ao

Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 8, que trata do Trabalho Decente e Crescimento Econômico.

Segundo estudos realizados pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da Universidade de São Paulo (USP), em parceria com o Instituto Brasileiro de floricultura (IBRAFLOR), em 2024 o ramo da floricultura e plantas ornamentais produziu um Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 21,23 bilhões e 265 mil empregos, representando um crescimento considerável em comparação aos anos anteriores (CEPEA, 2024).

Entre as diversas espécies ornamentais cultivadas encontra-se a statice (*Limonium sinuatum* Mill), também conhecida como flor seca, sempre-viva, carquejinha e lavanda-do-mar; pertence à família Plumbaginaceae, que possui mais de 300 espécies. É considerada uma planta de porte herbáceo e ciclo anual, propagada através de sementes (BLAS, 1992). As statices possuem como principal característica a durabilidade das flores após a colheita, principalmente quando secas. Possuem ramificações eretas e numerosas flores com diversas cores, sendo uma boa opção para arranjos florais (STUMPF *et al.*, 2005).

É uma planta fortemente influenciada pela temperatura e fotoperíodo, sendo considerada uma Planta de Dia Longo (PDL), que atinge níveis melhores de florescimento quando submetida a temperaturas baixas. Quando as necessidades de frio não são atingidas naturalmente, as mesmas podem ser submetidas a vernalização artificial, onde devem ser mantidas em uma temperatura de 10°C, durante três semanas (TAIZ; ZEIGER, 2013).

Sendo assim, o objetivo deste estudo foi avaliar a produtividade de statice, na entressafra, cultivada em dois tamanhos de vasos e mantida na casa de vegetação.

2. METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O experimento foi realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) - Campus Bagé, no período de outubro de 2024 a maio de 2025. Foram adotados dois tratamentos: T1 - cultivo em vasos de 01 litro, e T2 - cultivo em vasos de 02 litros. O delineamento adotado foi o completamente casualizado, com 17 repetições, sendo cada repetição composta por uma planta em vaso.

As mudas foram produzidas utilizando sementes comerciais da variedade Statice Sortida, que foram semeadas em uma bandeja multicelular de 128 células, preenchidas com substrato comercial. Com o objetivo de induzir a floração, quando as mudas atingiram oito folhas, foram submetidas à vernalização artificial, por três semanas, em câmara de

crescimento, programada para fotoperíodo de 12 horas e temperatura de 10 °C (Figura 1).

Figura 1. Número de dias, fotoperíodo e temperatura da vernalização



Fonte: Autores, 2025.

Após essa etapa, as mudas foram transplantadas para vasos preenchidos com substrato comercial e foram mantidas na casa de vegetação. Foram realizados os tratos culturais recomendados para a espécie (Figura 2).

Foram avaliadas as variáveis número de hastes florais por planta, comprimento médio das hastes por planta, número de folhas por planta e diâmetro das plantas em estágio fenológico R3, sendo essas as principais variáveis de interesse econômico quando trata-se de statices. Os dados foram inicialmente submetidos aos testes de normalidade (Shapiro–Wilk) e homogeneidade de variâncias (Levene). Posteriormente, as médias dos tratamentos foram comparadas pelo teste t de Student, a 5% de probabilidade, utilizando o software BioEstat. Os gráficos foram elaborados no Microsoft Excel.

Figura 2. Mudas, vernalização, cultivo nos vasos e plantas de statice
florescidas



Fonte: Autores, 2025.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

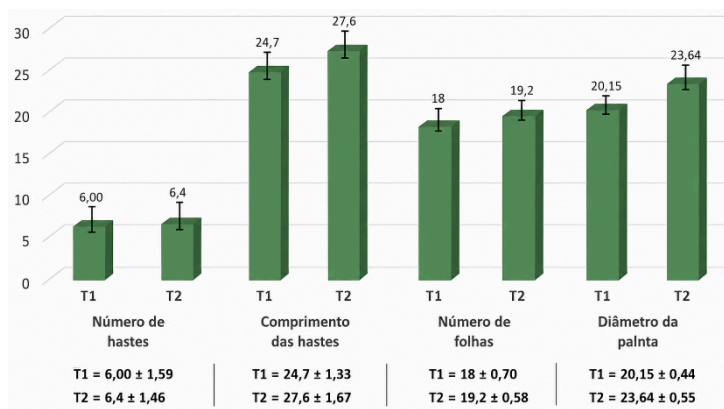
Os dados apresentaram distribuição normal e homogeneidade de variâncias ($p > 0,05$), atendendo aos pressupostos para aplicação do teste t de Student. Os resultados demonstraram que mesmo com a realização da vernalização artificial, parte das plantas não floresceu. No T1 59% e no T2 47% das plantas emitiram hastes florais, essa resposta das plantas pode estar relacionada com a insuficiência na vernalização artificial, que pode não ter sido suficiente para a indução do florescimento de todas as plantas.

Visto que, segundo Lincoln Taiz e Eduardo Zeiger (2013), a vernalização é essencial para o florescimento de determinadas espécies e pode ser revertida quando as plantas

entram em contato com altas temperaturas (desvernalização). Além de que, quando as plantas não são expostas devidamente ao frio durante o processo de vernalização, a duração da fase vegetativa aumenta, ocasionando em maior emissão de folhas e ausência, ou atraso, do florescimento (Buffon, 2021). Ademais, fatores abióticos também podem ter contribuído para a não emissão das hastes florais.

Em relação ao comprimento médio das hastes florais e ao número de hastes florais produzidos por planta, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os tratamentos avaliados. Como pode ser visualizado na Figura 3, o T1 apresentou comprimento médio de 24,7 cm e 6 hastes florais por planta, enquanto o T2 produziu 6,4 hastes florais, com comprimento médio de 27,6 cm. Os valores médios de altura das plantas em ambos os tratamentos indicam adequada harmonia de vaso, evidenciando equilíbrio visual entre a planta e o recipiente de cultivo. De modo geral, recomenda-se que a altura da planta seja entre 1,5 a 2,5 vezes a altura do vaso. Essa proporção cria uma composição visual agradável, evitando que o conjunto pareça desproporcional. Os tratamentos não apresentaram diferença significativa para o número médio de folhas por planta, com valores obtidos em T1 e T2 de 18 e 19,2 folhas por planta, respectivamente, em R3.

Figura 3. Valores médios ($\pm$ erro padrão) de número de hastes, comprimento das hastes, número de folhas e diâmetro da planta de statice em T1 (vasos de 1 L) e T2 (vasos de 2 L).



Fonte: Autores, 2025.

Com relação ao diâmetro das plantas, os tratamentos apresentaram diferença significativa, com valores superiores para o T2. Exceto para o diâmetro, as demais variáveis não apresentaram diferenças significativas estatisticamente, indicando que ambos

os tamanhos podem ser utilizados para o cultivo de *statice*.

4. CONCLUSÃO

Com base no experimento realizado, conclui-se que é viável a produção de *statice* em vaso durante a entressafra, não havendo diferenças estatisticamente significativas entre os tratamentos avaliados. Contudo, considerando a economia de insumos, a otimização do espaço e a facilidade de manejo e transporte, recomenda-se a utilização de vasos com capacidade de 1 litro para a produção.

REFERÊNCIAS

BLAS, Ignacio O. **Morfologia de *Limonium sinuatum* (L.) Miller (Plumbaginaceae)**. Revista de Biologia Tropical, v. 40, n. 1, p. 11–17, 1992.

BUFFON, Paola Ana. **Escala fenológica, estimativa da área foliar e um método simples e barato para vernalização de *statice***. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS, 2021.

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. **PIB da cadeia de flores e plantas ornamentais**. Piracicaba: CEPEA, 2024. Disponível em: <https://www.cepea.org.br/br/pib-da-cadeia-de-flores-e-plantas-ornamentais.aspx>. Acesso em: 21 mar. 2026.

JUNQUEIRA, Antonio Hélio; PEETZ, Marcia da Silva. **Mercado interno para os produtos da floricultura brasileira: características, tendências e importância socioeconômica recente**. Revista Brasileira de Horticultura Ornamental, Campinas, v. 14, n. 1, p. 37–52, 2008. Disponível em: <https://ornamentalhorticulture.com.br/rbho/article/view/230/158>. Acesso em: 12 mar. 2026.

STUMPF, Edison R. T.; BARBIERI, Rosa Lía; HEIDEN, Gustavo. **O setor produtivo de plantas ornamentais nos Coredes Sul e Centro Sul do Rio Grande do Sul**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2005. 26 p. (Embrapa, Documentos versão online, 175).

TAIZ, Lincoln; ZEIGER, Eduardo. **Fisiologia Vegetal**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.